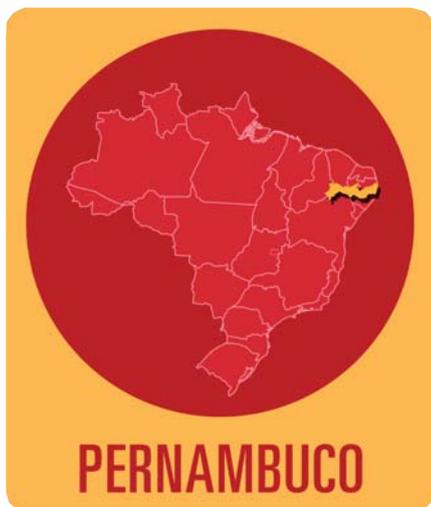




Fiocruz PE: tradição aliada a qualidade e inovação

Solange Argenta



Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (CPqAM/Fiocruz Pernambuco) completou 62 anos de existência em setembro de 2012, desenvolvendo um trabalho sistemático de pesquisa, ensino e cooperação com o SUS em diversos campos da saúde pública, objetivando a prevenção e o controle de enfermidades endêmicas agudas e crônico-degenerativas no Nordeste. “A cada ano buscamos trabalhar com mais qualidade, visando inovações tanto no campo científico, como no tecnológico”, ressalta o dire-

tor da unidade, Eduardo Freese.

As equipes à frente dos estudos dispõem de um Núcleo de Plataformas Tecnológicas (NPT), composto por equipamentos de última geração, além de laboratório de Nível de Biossegurança 3 (NB 3) e um biotério com setores de criação e experimentação, além de um insetário. E a unidade conta hoje com seis serviços de referência para o Ministério da Saúde, sendo três regionais: doença de Chagas, esquistossomose e leishmaniose e três nacionais: filariose, peste e culicídeos vetores. “Investimos não apenas em infraestrutura e na manutenção dos acervos biológicos e de conhecimento existentes, mas



também na melhoria das condições de trabalho e na capacitação de nossos profissionais”, explica Freese.

Esses investimentos têm favorecido o avanço das pesquisas. Estudos em andamento utilizam técnicas moleculares (como a PCR em tempo real) para obter um diagnóstico mais preciso e mais rápido da tuberculose que os métodos tradicionais. E a unidade participa do inquérito nacional sobre a esquistossomose, promovido pelo Ministério da Saúde, sendo responsável por investigar a ocorrência da doença em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. A coleta de dados em campo tem utilizado a tecnologia do Global Position System (GPS), ferramenta utilizada para obter dados epidemiológicos georreferenciados.

Outro estudo, iniciado este ano, vai acompanhar pacientes com doença de Chagas durante dez anos para buscar um marcador imunológico que sinalize a eficácia do tratamento com o Benzonidazol – medicamento utilizado no combate ao parasita. “Esses são apenas alguns exemplos, entre os mais de 240 projetos em desenvolvimento na unidade desde 2011”, explica a vice-diretora de pesquisa da unidade, Yara Gomes. E lembra que o Centro de Pesquisas realiza diversos trabalhos através de cooperações internacionais, com instituições como o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD-França) e as universidades americanas Johns Hopkins e de Pittsburg. A parceria mais recente foi firmada com o Swiss Tropical and Public Health Institute e vai viabilizar pesquisas sobre o potencial de transmissão de dengue por populações de mosquitos *Aedes aegypti* e *A. albopictus* no Brasil e na Suíça.

Na área de ensino, o centro implantou este ano um novo programa de pós-graduação, em biociências e biotecnologia em saúde. Com turmas de mestrado acadêmico e doutorado, a nova pós tem por objetivo formar docentes para o ensino superior e pesquisadores com habilidades para conduzir pesquisas nas áreas de parasitologia, imunologia, microbiologia e biologia celular e molecular, voltadas à inovação tecnológica em saúde.

O outro programa da instituição, o de saúde pública, oferece cursos de doutorado, mestrado acadêmico e mestrado profissional com linhas de pesquisa em epidemiologia, planejamento e gestão em saúde, avaliação de serviços de saúde e ambiente. O centro desenvolve ainda o programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e ministra cursos não regulares de especialização em áreas como gestão e política de recursos humanos, vigilância ambiental, entre outros temas ligados à saúde pública.

História

A unidade nasceu em 1950, de uma iniciativa de pesquisadores locais que tinham como sonho fundar uma instituição que pesquisasse as enfermi-

dades endêmicas que atingiam grande parte da população nordestina. Seu nome homenageia o sanitarista pernambucano Aggeu Magalhães, que integrava esse grupo pioneiro. A esquistossomose foi a área de pesquisa prioritária da unidade. Na década de 1950, a equipe de pesquisadores do centro, realizou estudos pioneiros sobre a ecologia do caramujo e o impacto ambiental do uso dos moluscos. Na época começaram a ser investigadas também a filariose e a leishmaniose.

Em 1962, foram realizadas pesquisas que mostravam a existência dos insetos vetores (barbeiros) infestados com a doença de Chagas no estado. Os trabalhos realizados no CPqAM foram importantes para a epidemiologia da doença em Pernambuco. No fim da década de 1960, o centro de pesquisa instalou o Plano Piloto de Peste (PPP), em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Com sede em Exu, no sertão pernambucano, o projeto realizou estudos sobre a transmissão e o controle da doença, que contribuíram com a fundamentação científica do atual programa de controle desenvolvido pelo Serviço de Referência em Peste da Fiocruz PE, baseado na vigilância contínua e sistemática em âmbito nacional.

Em agosto de 1970, o CPqAM passou a integrar a Fundação Oswaldo Cruz, como unidade técnico-científica. Nos anos 80 foi implantado o programa de ensino do centro de pesquisa e na década de 90 o centro passou a trabalhar em cooperação com os serviços de saúde de âmbito federal, estadual e municipal na implementação do SUS. Nos últimos anos foram incorporadas novas linhas de pesquisa sobre doenças crônicas não transmissíveis (hipertensão e diabetes), violência e ambiente. A instituição também passou por um processo de expansão dos serviços de informática, do quadro de funcionários e de sua área física, incluindo mais laboratórios e salas de aula, com espaços informatizados e para videoconferência.